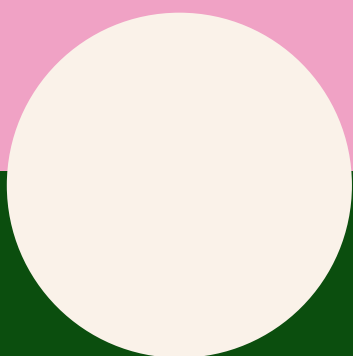


CAMILA GALBIATTI



**INTRODUÇÃO**  
**ATRATIVA**  
**AOS**  
**ESTUDOS**  
**GRAMATICAIS**

**UMA REFLEXÃO PARA PROFESSORES**

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Curso de Letras — Língua Portuguesa  
(Licenciatura)

**Coordenação**

Flaviane Faria Carvalho

**Autoria**

Camila Custódio Galbiatti

**Revisão**

Camila Custódio Galbiatti

**Projeto Gráfico**

Camila Custódio Galbiatti



Projeto de conteúdo educacional na forma de e-book experimental desenvolvido durante o primeiro semestre de 2025, na disciplina Edição de Materiais Didáticos, do curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas, em parceria com o Projeto de Extensão Laboratório de Estudos Editoriais (LEE/PROEC/UNIFAL-MG).

# SUMÁRIO

## 01

Introdução: desmistificando os estudos gramaticais

## 02

Como estabelecer diálogos?

## 03

“Eu sei falar português?”

## 04

Estratégias para ensinar Sintaxe

## 05

Bibliografia comentada

# 1. INTRODUÇÃO: DESMISTIFICANDO OS ESTUDOS GRAMATICAIIS

**P**rofessor, é possível que, quando os assuntos trabalhados em sala de aula começam a adquirir certa complexidade, você já tenha ouvido a seguinte frase: “mas em que momento eu utilizarei isso na minha vida?”. Embora a pergunta geralmente seja acompanhada de um tom irônico, é importante não dispensar a oportunidade de tornar concreto um conhecimento que, talvez, esteja se constituindo de maneira abstrata na mente dos alunos.

Em meio a explicações sobre diferentes tipos de oração e suas diferentes formas de se relacionar (especialmente quando a terminologia é um pouco assustadora, com palavrões do tipo “orações coordenadas assindéticas”), os alunos podem perder o interesse pelo aprendizado mais profundo de sua língua materna, pensando que em nada isso se aplica à vida deles. De fato, se o ensino for pautado unicamente no objetivo de expor nomenclaturas nunca antes vistas pelos jovens, talvez eles não estejam tão errados ao pensar dessa maneira...

Nesse sentido, é importante que o docente torne o processo de aprendizagem significativo para os estudantes, de modo que, ao perceberem a conexão entre o ensino de língua portuguesa e suas vivências cotidianas, não caiam na armadilha de acreditar que os conhecimentos transmitidos pela escola não terão utilidade em suas vidas, caso não desejem, por exemplo, prosseguir com os estudos no ensino superior.

O objetivo deste manual, portanto, é refletir sobre como o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa para alunos de ensino médio pode tomar contornos menos abstratos, e quais estratégias você, professor, pode utilizar para transformar esta ideia em realidade no seu cotidiano. Vamos lá?



## 2. COMO ESTABELECECER DIÁLOGOS?



O dia a dia em sala de aula contempla um público-alvo bastante heterogêneo. Em uma mesma turma, há alunos com diferentes realidades, objetivos, contextos socioeconômicos, entre outros fatores. Nesse sentido, é importante mencionar que nem todos os estudantes desejam ingressar no ensino superior, o que pode se constituir como uma espécie de barreira de interesses entre o aluno e o professor. Por isso, é importante que, embora o professor de língua portuguesa naturalmente aborde temas relacionados a vestibulares e redações, os assuntos trabalhados em sala de aula não se restrinjam somente a essa esfera. Um exemplo disso é que, atualmente, é comum que empresas solicitem a redação de um texto em alguma etapa do processo seletivo para determinada vaga. Os jovens, portanto, devem compreender que o domínio das formas padronizadas do texto escrito ultrapassa a dimensão dos vestibulares, atingindo outras (e muitas) esferas da vida.

Sem dúvidas, a norma padrão da língua portuguesa não é a única forma (e muito menos a única forma válida) de se pensar em comunicação, mas não apreender os padrões prestigiados pode resultar em uma série de exclusões sociais. É importante dialogar com os jovens sobre questões dessa natureza, demonstrando exemplos cotidianos em que a linguagem padronizada se faz necessária, bem como as consequências negativas e dificuldades que a não apreensão de tal variante pode ocasionar a nível individual e coletivo — identificando, aqui, os grupos mais atingidos pela falta de acesso a esses conhecimentos, o que demonstra um padrão social de exclusão de determinados grupos.


Dialogar com alunos em sala de aula jamais pode ser visto como tempo perdido. Conversas como essa, com assuntos concretos e exemplos palpáveis, atribuem significado ao que está sendo ensinado, o que resultará em maior adesão por parte da turma às propostas subsequentes. Aulas interativas promovem, sobretudo, a oralidade, habilidade esta que também deve ser trabalhada em sala de aula, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

# 3. “EU SEI FALAR PORTUGUÊS?”

Infelizmente, é comum que estudantes de ensino médio, especialmente aqueles matriculados em escolas públicas, tenham constituído a noção de que, na verdade, não sabem falar português. Essa falácia é, muitas vezes, transmitida por professores cujo conhecimento de linguagem se resume à leitura de gramáticas tradicionais. Portanto, se quisermos construir uma aprendizagem significativa de normas da língua portuguesa, é necessário, primeiro, *desconstruir* a ideia de que os alunos não sabem falar sua língua materna. Ora, é claro que sabem!



**P**ara iniciar essa conversa, vale a pena discutir com a turma, em um primeiro momento, os diferentes tipos de gramáticas existentes. É interessante (e *atrativo!*) interagir com diferentes tipos de materiais durante conversas e debates com alunos. Uma sugestão para iniciar esse diálogo contempla um projeto de divulgação científica em Linguística, dos alunos Carol Tiecher, Igor Costa e Marcos Felipe Sant’Anna, com formação em Letras pela UERJ, que criaram um canal no YouTube denominado “*Enchendo Linguística*”, com o objetivo de disseminar conhecimentos linguísticos a um público leigo.



Um de seus vídeos, chamado “O que é gramática?”, contempla as distinções sobre gramática normativa, gramática descritiva e gramática internalizada. Introduzir esses conceitos será produtivo para o objetivo de desconstruir a ideia de que falantes nativos de língua portuguesa “não sabem português” unicamente porque, talvez, não dominem a variante prestigiada (a chamada norma “cultura”) de sua língua. A existência de uma variante de prestígio, inclusive, implica a ideia de uma variante desprestigiada, discussão esta que também deve ser contemplada em sala de aula.

Além do vídeo mencionado, há outros interessantes nesse mesmo canal. “É biscoito ou bolacha?” também é uma opção curiosa para conhecer fenômenos de **variação linguística**. Debater questões como essa não refletirá somente no aprendizado dos alunos, mas também em sua capacidade de criticidade, bem como impactará positivamente na diminuição dos casos de preconceito linguístico — afinal, também é tarefa do professor de língua portuguesa discutir assuntos como este, que se relacionam completamente com a linguagem.

Nesta página, você encontrará hiperlinks que te encaminharão diretamente para os vídeos mencionados. Vale ressaltar que, ainda que não seja possível trabalhar com mídias digitais em sala de aula, a recomendação dos vídeos continua válida para fins de formação do professor. Observar como outras pessoas dialogam de maneira descontraída sobre assuntos que exigem certo grau de complexidade pode contribuir para a internalização de novas maneiras de pensar.

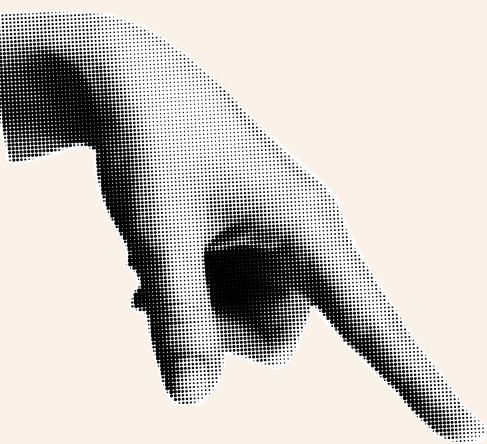


LINGUAGEM

LINGUAGEM

LINGUAGEM

LINGUAGEM



Puxa, quanta coisa antecede o ensino da gramática normativa! Sem dúvidas, o ensino de línguas não pode ser feito de maneira apressada. É importante que você, professor, seja munido de conhecimentos *linguísticos* e *sociolinguísticos* para atribuir significado às convenções padronizadas da língua. Para tanto, é necessário estar em **constante formação**, em contato com a literatura especializada em linguística e suas relações com a educação. Ao final deste manual, você encontrará uma seção com obras recomendadas!

# 4. ESTRATÉGIAS PARA ENSINAR SINTAXE

Para esta etapa, é importante esclarecer algumas questões: o objetivo deste manual é estimular você, professor, a refletir sobre suas práticas de ensino e a pensar em maneiras alternativas de atribuir sentido ao ensino de Sintaxe na educação básica (mais especificamente, para alunos de ensino médio, cuja faixa etária pode variar entre 15 a 18 anos). Nesse sentido, esta seção será subdividida em *três passos* (ou dicas), que conterão insights para você, docente, buscar metodologias alternativas às tradicionais. Por fim, cumpre esclarecer que, neste manual, optou-se pela abordagem funcionalista para trabalhar o ensino de gramática, e a principal referência utilizada nesta etapa será o Prof. Dr. Celso Ferrarezi Junior, professor titular de Semântica do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas. Sua pesquisa e dedicação aos estudos linguísticos trouxeram grande contribuição ao ensino de Sintaxe na educação básica, e algumas de suas propostas serão retomadas de forma sintética neste guia. Para aprofundar seus conhecimentos e explorar com mais detalhes as questões aqui tratadas, recomendamos fortemente a leitura de *Sintaxe para a educação básica*. Vamos lá!




Quando pretendemos realizar uma análise sintática, devemos nos preocupar, de acordo com Ferrarezi (2023, p. 38), com quatro elementos principais:

- ◆ saber como as palavras estão organizadas no trecho que se deseja analisar;
- ◆ quais regras permitem que as palavras se organizem da maneira como estão;
- ◆ como cada parte do trecho funciona; e
- ◆ se é possível classificar, dar um nome a cada uma das partes com base em alguma dessas regras que a própria língua usa.

Observe, portanto, que análises sintáticas não se preocupam se o trecho analisado diz alguma coisa a respeito de algo ou de alguém. Se falamos de “sujeito” em Sintaxe, não nos referimos a uma pessoa ou a uma coisa, mas, sim, a uma função de uma parte do trecho da língua que estamos analisando.


É importante evidenciar esta questão porque devemos compreender que o estudo de Sintaxe carrega, de fato, algum nível de abstração — motivo pelo qual não se deve fazer análises sintáticas com crianças antes dos 11 anos de idade, pois sua capacidade de abstração ainda não está completamente formada. Portanto, neste manual, quando mencionamos a intenção de tornar o ensino de gramática **concreto**, não desejamos eliminar a abstração intrínseca à natureza dos estudos sintáticos; queremos dizer, na verdade, que, embora abstrato, o ensino pode (e deve) ser **significativo** para o aluno, de modo que ele veja relevância nesse aprendizado e saiba como aplicá-lo a seu favor.



Inicialmente, quando refletimos sobre o ensino de Sintaxe, devemos pensar nas denominações que escolheremos para trabalhar com os alunos. Sim, é isso mesmo! Os nomes que utilizaremos com os alunos são uma questão de escolha. No Brasil, há a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que pretende nomear tudo o que acontece na língua e é utilizada nas gramáticas tradicionais. No entanto, além de não dar conta de todos os fatos do português brasileiro, a NGB pode atrapalhar o processo de aprendizagem com todas as suas nomenclaturas antigas e sem sentido para os alunos da educação básica (Ferrarezi, 2023).

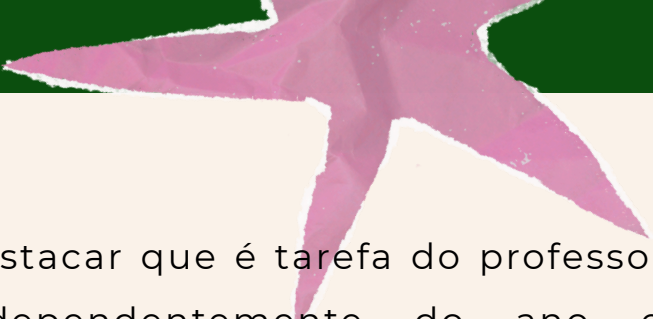
O **primeiro passo**, portanto, é repensar as nomenclaturas que serão apresentadas aos alunos. Por que empregar “substantivo”, um termo que não comunica coisas concretas, quando é possível substituí-lo por “nome”? É claro que, se for possível, o professor pode, sim, estabelecer comparativos, ou até mesmo apresentar a nomenclatura tradicional. No entanto, ao refletir sobre *estratégias* de ensino, é necessário priorizar as escolhas que melhor contribuirão para o processo de aprendizagem dos jovens.

Além disso, é necessário ponderar a respeito da profundidade das explicações oferecidas. Na fase do ensino básico, o objetivo ao ensinar Sintaxe é compreender os aspectos mais gerais e amplos do português brasileiro, sempre visando à atribuição de *sentido* aos fenômenos trabalhados. Portanto, em vez de cobrar listas infindáveis de exercícios ou “decoreba” de termos sem sentido para os alunos, o professor pode optar por trilhar um caminho *significativo e reflexivo*.



De acordo com Ferrarezi (2023), “[...] a junção da fonética, da fonologia, da morfologia, da sintaxe, da semântica e da pragmática de uma língua formam a gramática dessa língua”. Estudar *Sintaxe* significa estudar as características sintáticas de uma língua, isto é, estudar as regras utilizadas para formar trechos que falamos e que escrevemos. No entanto, e aqui observamos o **segundo passo**, será necessário recorrer, em muitos casos, a diferentes partes que formam a gramática de uma língua para que o ensino de Sintaxe seja efetivo. A Semântica, por exemplo, está presente em todas as esferas da língua, já que tudo precisa ter uma relação de sentido. Portanto, na maior parte das vezes, tentar traçar divisões exatas entre Sintaxe, Morfologia e Semântica pode atrapalhar muito mais do que ajudar durante a elaboração de aulas. Deixar que os conhecimentos se encontrem e mostrar para os alunos a intersecção entre os saberes traz mais concretude ao discurso.

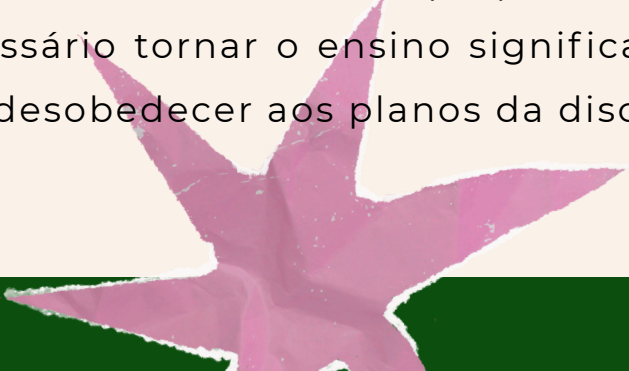
Um exemplo ilustrado por Ferrarezi (2023, p. 22) elucidava essa questão: na frase “Padre Antônio casa Manoel e Maria” temos a ocorrência de uma perfeita frase verbal. No entanto, se uma professora pede a um aluno que dê cinco exemplos de substantivos (ou *nomes!*) e ele responde “padre, Antônio, casa, Manoel e Maria”, deixamos de ter uma frase verbal! O que mudou? o ponto de vista *semântico* e *sintático* pelo qual se analisa a frase. Viu só? Esse é apenas um exemplo de como áreas distintas andam, na verdade, de mãos dadas. Tornar essa relação evidente contribuirá para as análises sintáticas da turma!



Vale destacar que é tarefa do professor verificar se seus alunos, independentemente do ano escolar, têm os conhecimentos básicos sobre Sintaxe para partir para as análises. Esse fator compõe o **terceiro passo**: você, professor, deve sempre pensar no seu aluno. É necessário refletir se, com o objetivo de cumprir o que prevê o programa da disciplina, vale a pena ignorar o fato de que os estudantes, em muitos casos, não têm condições de aprender determinados níveis mais avançados de estudos gramaticais.

Portanto, ainda que se trate de uma turma de ensino médio, é possível que seja necessário retomar conceitos que deveriam ter sido trabalhados do 6º ao 9º ano. Conforme Ferrarezi nos ensina, “pensar no aluno é, antes de tudo, ensinar a ele [...] aquilo que ele pode aprender em cada fase. *Desrespeitar isso é jogar fora tempo e energia*”.

Caso essa sequência seja desrespeitada, isto é, caso o professor insista em prosseguir com análises sintáticas mesmo constatando que seus alunos não têm a base prévia que deveriam, é possível que se crie naquela turma um sentimento antipático em relação à língua portuguesa, e que ideias do tipo “não sei falar português” sejam ainda mais solidificadas. Ora, se o professor descarrega uma série de nomenclaturas que os alunos nunca antes viram e demanda exercícios que não os comunica nada, então é como se estivesse, de fato, ensinando uma outra língua muito estranha. Assim, reafirmando a proposta original desse diálogo, é necessário tornar o ensino significativo, ainda que isso signifique desobedecer aos planos da disciplina.



# LINGUAGEM

# LINGUAGEM

# LINGUAGEM

# LINGUAGEM

Por fim, vale a pena destacar que o estudo muito minucioso e detalhado da língua interessa apenas aos profissionais e às pessoas que podem recorrer a livros complexos e especializados em Sintaxe, estudar o assunto em um curso de Letras, no ensino superior, ou Linguística. Quanto aos alunos, o objetivo é que tenham condições de terminar o ciclo do ensino básico dominando as formas de estruturação básica da língua, ou seja, quais estruturas básicas organizam seu funcionamento no texto escrito. Nesse sentido, naturalmente, o professor de gramática, quando estiver trabalhando análise sintática, dedicará muito mais tempo ao ensino do período simples do que ao ensino do período composto.

**E**speramos que esse diálogo possa semear novas ideias e contribuir para o sucesso de suas aulas, professor! Nosso objetivo foi ajudar você a refletir sobre aspectos que podem, infelizmente, não ser considerados no fazer docente de professores de língua portuguesa. Conforme mencionamos, é necessário que você, professor, encare a si mesmo como um eterno aprendiz e que esteja em constante formação — afinal, esta é a única maneira de ensinar com qualidade. Por isso, a próxima seção será dedicada a uma bibliografia comentada sobre obras que consideramos indispensáveis para professores de língua portuguesa.

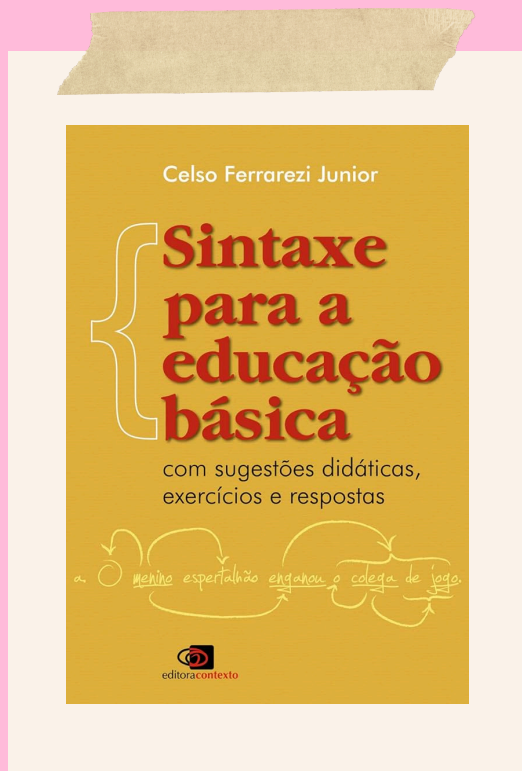
**LINGUAGEM**

**LINGUAGEM**

**LINGUAGEM**

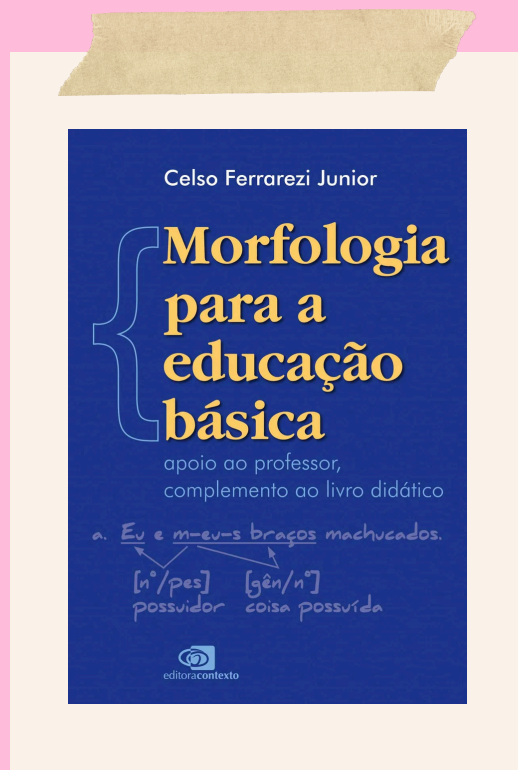
**LINGUAGEM**

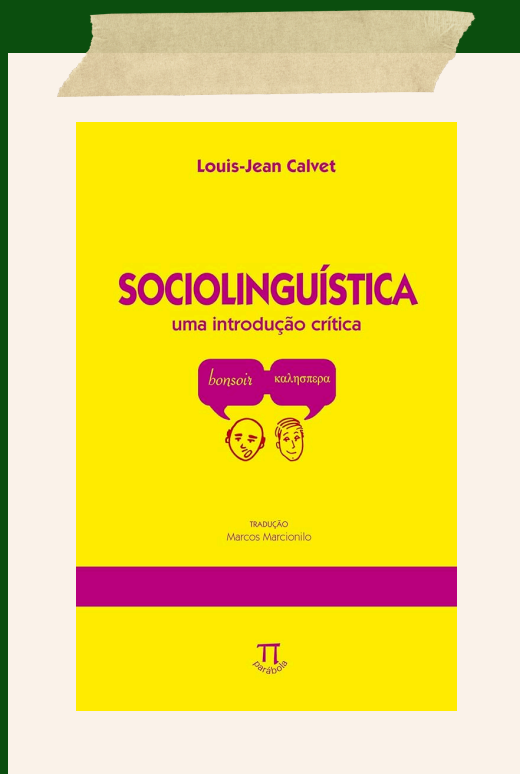
# 5. BIBLIOGRAFIA COMENTADA



Como despertar nos alunos a vontade de aprender Sintaxe? Nessa obra, o professor Celso Ferrarezi Junior mostra que é possível ensinar essa disciplina de forma eficaz e duradoura. Ao longo do livro, o leitor encontrará dicas, formas de repensar o ensino e uma série de exercícios que podem ser trabalhados em sala de aula.

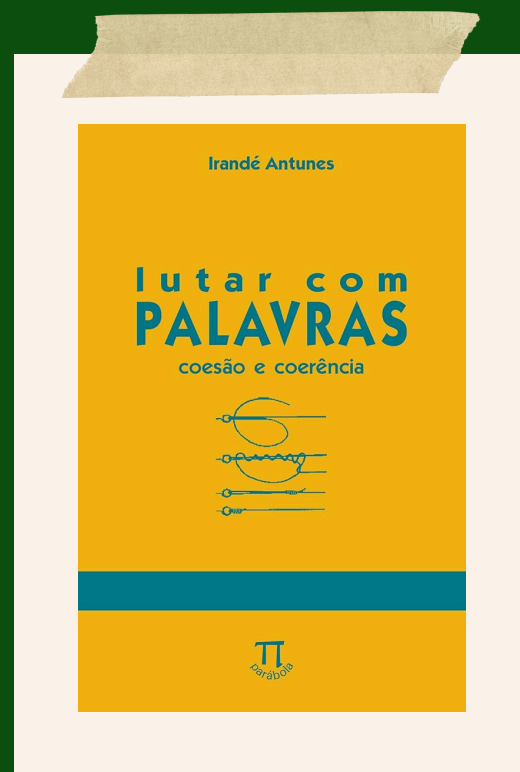
Também do professor Celso Ferrarezi Junior, a obra traz ferramentas para aplicar o ensino de morfologia em sala de aula a partir de critérios funcionais e que respeitam o nível dos estudantes.

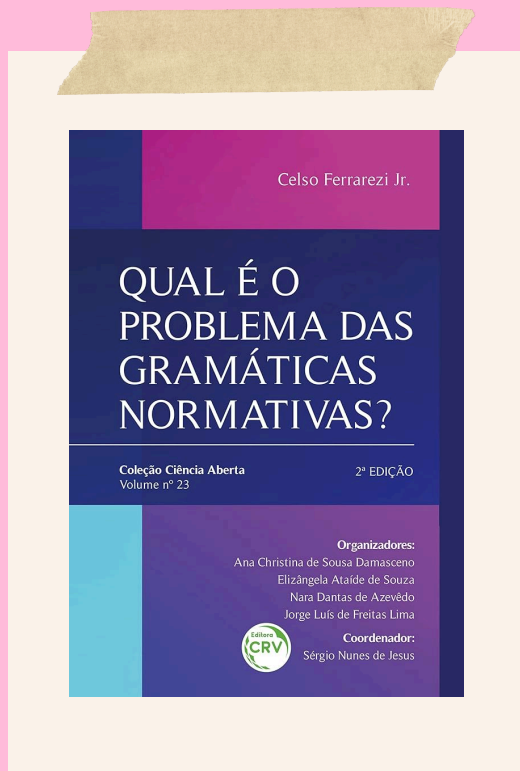




É fundamental que o professor de língua portuguesa compreenda as formas de manifestação do poder por meio da linguagem e esteja vigilante para não reproduzir nem reforçar preconceitos linguísticos em sala de aula. Nesta obra, Calvet vai além das atividades acadêmicas e da elaboração teórica; ele adota uma postura de militância política contra práticas discriminatórias que utilizam a língua como ferramenta de dominação e exclusão social.

Aqui, o objetivo é consolidar noções básicas acerca da propriedade textual coesão e de sua relação com a coerência. É de suma importância que o professor aprenda tais conceitos de forma plena para que possa ensiná-los com autonomia.





Nesta obra, o professor Ferrarezi dedica espaço a refletir sobre a prática de utilizar gramáticas normativas como principal alicerce da prática de ensino de língua portuguesa, além de discutir sobre outras questões fundamentais para a prática docente. Você pode encontrar o livro [aqui!](#)

O livro é um guia prático para professores da educação básica, explicando de forma direta como ensinar verbos de maneira clara e significativa para os alunos, desmistificando a ideia de que esse conteúdo é complicado.

